



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**HISTÓRIA – GRAU LICENCIATURA**

**O SIGMA NAS CATARATAS**  
O NÚCLEO INTEGRALISTA DE FOZ DO IGUAÇU E A TRAJETÓRIA DE SEUS  
MEMBROS (1935 -1955)

**DIEGO MONTEIRO**

Foz do Iguaçu  
2025



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**HISTÓRIA – GRAU LICENCIATURA**

**O SIGMA NAS CATARATAS**  
**O NÚCLEO INTEGRALISTA DE FOZ DO IGUAÇU E A TRAJETÓRIA DE SEUS**  
**MEMBROS (1935-1955)**

**DIEGO MONTEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Endrica Geraldo

Foz do Iguaçu  
2025

Dedico este trabalho a Antonio, meu pai.

## AGRADECIMENTOS

Durante toda a realização desta pesquisa, o momento que mais me assombrou foi redigir esta sessão de agradecimentos. Não que eu tenha dificuldade em agradecer, mas porque eu nunca soube direito de onde começar. É interessante notar que o ofício do historiador não causa tanta preocupação quanto os protocolos sociais.

Devo a muita gente em todos esses anos em que cursei História na UNILA. Agradeço, primeiramente, à minha família: mãe, irmão, cunhada, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram em todos os momentos e em tudo o que precisei. Agradeço a meus colegas (e amigos) de curso, que tanto tiveram que me aguentar falar desta pesquisa da metade da graduação até estes últimos meses. Heron, Laura, Maykon, Alexandre, Letícia, Carlos, obrigado a todos vocês! Pelo companheirismo, pelo auxílio, pelas risadas, por tudo! Agradeço também a meu amigo André, um dos responsáveis pelo meu fascínio pela História, desde as nossas conversas sobre o assunto no ensino médio.

Devo agradecer também a todos os incríveis professores e professoras com quem tive a oportunidade de aprender. Agradeço ao professor Dr. Micael Alvino da Silva, pelo auxílio com a bibliografia sobre a História de Foz do Iguaçu; à professora Dra. Rosângela de Jesus Silva, pela ajuda que sempre, de forma muito cordial, me prestou em relação aos periódicos; e ao professor Dr. Paulo Renato da Silva, pelo auxílio com a bibliografia sobre o oeste do Paraná e sobre o fascismo na América Latina. Todos são minhas inspirações como docente e historiador.

Agradeço de forma especial à professora Dra. Endrica Geraldo, igualmente inspiradora e minha orientadora, que me acompanhou nessa jornada de mais de um ano de pesquisa. Obrigado por escutar minhas “teorias” a respeito das fontes, por me auxiliar nesse processo de formação enquanto pesquisador, por me ajudar em relação à publicação deste artigo e, principalmente, por acreditar em um trabalho que não parecia ser promissor.

Agradeço aos funcionários do Arquivo Público do Paraná, do Fundo Plínio Salgado, parte do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro-SP (APHRC). Aos funcionários do Delfos - Espaço de Documentação e Memória, parte da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) pelo cordial atendimento ao me fornecer acesso às fontes periódicas. Obrigado também aos funcionários da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, que me receberam muito bem nos dois dias em que visitei o arquivo da casa em 2024.

Finalmente, agradeço a Deus pela oportunidade que tive em poder terminar meu ensino superior, coisa que ainda não é tão fácil para a maioria dos trabalhadores brasileiros.

## RESUMO

O presente artigo busca apresentar os resultados de uma pesquisa sobre a presença e a atividade política de um núcleo da Ação Integralista Brasileira na cidade de Foz do Iguaçu/PR entre 1935 e 1937. Ao se inserir dentro do campo da Nova História Política, a metodologia utilizada neste trabalho, para a análise e interpretação das fontes encontradas, buscou incorporar estratégias específicas para a análise de fontes periódicas e de documentações produzidas por aparelhos de repressão. Os registros encontrados permitiram situar, também, algumas trajetórias e atuações de ex-membros e supostos simpatizantes da AIB na região no período entre 1935 e 1955. Com o auxílio das fontes acessadas, foi possível constatar a existência de um núcleo integralista em Foz do Iguaçu nos anos 1930; a presença de alguns de seus membros na câmara de vereadores da cidade; e as ligações do núcleo com órgãos de imprensa integralistas e figuras de destaque do integralismo no Paraná.

**Palavras-chave:** Integralismo; Foz do Iguaçu; História Política; Repressão; Imprensa.

## RESUMEN

El presente artículo busca presentar los resultados de una investigación sobre la presencia y la actividad política de un núcleo de la Acción Integralista Brasileña (Ação Integralista Brasileira – AIB) en la ciudad de Foz do Iguaçu, Paraná entre 1935 y 1937. Por insertarse en el campo de la Nueva Historia Política, la metodología utilizada en este trabajo, para el análisis e interpretación de las fuentes encontradas, procuró incorporar estrategias específicas para el análisis de fuentes periódicas y de documentos producidos por aparatos represivos. Los registros encontrados también permitieron situar algunas trayectorias y actuaciones de exmiembros y supuestos simpatizantes de la AIB en la región en el período comprendido entre 1935 y 1955. Con la ayuda de las fuentes consultadas, fue posible constatar la existencia de un núcleo integralista en Foz do Iguaçu durante los años 1930; la presencia de algunos de sus miembros en la cámara de concejales de la ciudad; y las conexiones del núcleo con órganos de prensa integralistas y figuras destacadas del integralismo en Paraná.

**Palabras clave:** Integralismo; Foz do Iguaçu; Historia Política; Represión; Prensa.

## Introdução

Baseada em ideais nacionalistas, espiritualistas, anticomunistas e corporativistas, a Ação Integralista Brasileira (AIB) foi a experiência de um movimento político com inspiração fascista mais bem-sucedida na América Latina, exercendo influência política como um dos maiores partidos da década de 1930, no Brasil republicano (TRINDADE, 1979, p. 11).

Em outubro de 1932, o escritor brasileiro Plínio Salgado comandou a fundação da AIB, associação civil de escala nacional, que se transformou em partido em 1934. Com a instalação do Estado Novo no Brasil, em novembro de 1937, ocorreu a extinção dos partidos e da democracia; mas os “camisas-verdes”<sup>1</sup> continuaram como presença constante na política e na sociedade brasileira nesse período (TRINDADE, 1979, p. 163).

A realização deste trabalho se deu por meio de uma pesquisa em diferentes acervos das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Como fontes locais, foram consultados os livros-ata do arquivo da Câmara Legislativa Municipal de Foz do Iguaçu. Foram analisadas, também, fontes jornalísticas e policiais digitalizadas. Trata-se de materiais do Fundo Plínio Salgado, parte do Arquivo Público e Histórico da cidade de Rio Claro/SP, e do Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), de Porto Alegre, além de documentos da Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná (DOPS-PR), através de dossiês temáticos pertencentes ao Arquivo Público do Paraná (APP).

Considerando os jornais como um dos tipos de fontes estudadas, foi necessário entender, primeiramente, qual era o papel desse tipo de publicação na sociedade do início do século XX. Barros argumenta que um jornal possui, por trás do conteúdo de suas páginas, pessoas que possuem diferentes intenções e objetivos com sua publicação. Para o autor, todo jornal possui uma intencionalidade, comunicando ideias e valores que refletem no tipo de material que é publicado e que, conseqüentemente, buscam influenciar, de diferentes formas, a sociedade na qual está inserido (BARROS, 2021, p. 425-426).

Entender que os jornais, enquanto meios de comunicação, não são neutros é importante para compreender como esse tipo de publicação exercia, muitas vezes, uma

---

<sup>1</sup> Expressão que remete à farda na cor verde utilizada pelos integralistas como uniforme em cerimônias e/ou eventos cívicos. A farda possuía também a letra grega sigma ( $\Sigma$ ), símbolo do movimento, que significava a integração da sociedade brasileira em um futuro Estado Integral, bordada na região dos ombros (GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020, p. 15).



posição política no contexto em que estava inserido. Como ressalta Barros, devido à grande penetração dos jornais nas camadas sociais da sociedade contemporânea, estes se transformaram em “poderosos atores políticos” (BARROS, 2021, p. 428).

Trabalhar com fontes periódicas implica, ainda, em levar outras questões em consideração. Para De Luca, o historiador dos periódicos lida com o que se tornou notícia, o que faz com que seja preciso identificar as motivações que levaram aquilo a ser noticiado pelo jornal. Mais do que isso, segundo a autora, é preciso atentar-se ao lugar onde o conteúdo foi publicado dentro da estrutura do periódico, à frequência das publicações, aos temas abordados (e como são abordados), à linguagem utilizada e ao público que se desejava atingir (DE LUCA, 2005, p. 140).

O manejo de fontes policiais, por outro lado, requer outros tipos de atenção. Segundo Arlette Farge, os impressos têm como característica essencial o fato de serem destinados intencionalmente ao público; ou seja, são produzidos e estruturados com a intenção de serem lidos e entendidos por um número grande de pessoas. A documentação de arquivo, entretanto, constitui uma série de vestígios brutos do passado de pessoas que um dia se depararam com a repressão do Estado. São materiais que não foram produzidos a fim de servir de fonte para se contar uma história ou para vir a público, mas para permanecerem guardados nos fundos das gavetas dos arquivos (FARGE, 2009, p. 13).

Em sua análise acerca da repressão ao partido nazista em São Paulo, Ana Maria Dietrich aponta para a variedade tipológica que pode existir nos materiais presentes em arquivos da repressão. Segundo a autora, “existem relatórios de investigação, ofícios, inquéritos, comunicados, ordens de serviço, mandados de prisão e liberdade, fichas de qualificação, fotografias de identificação, entre outros”, além de materiais que não foram produzidos pelos órgãos de repressão, mas que foram apreendidos e anexados aos prontuários como “provas do crime”, tais como “panfletos, jornais, fotografias, bilhetes, livros e cadernetas” (DIETRICH, 2007, p. 30).

Em meio a essa pluralidade documental, outro tipo de documento que merece especial atenção são as declarações dos suspeitos. Conforme Dietrich, elas são “apenas parcialmente fiéis, pois foram submetidas à interpretação das autoridades responsáveis pelo registro e passaram pelo crivo policial” (DIETRICH, 2007, p. 30). Logo, ao se estudar

esse tipo de fonte, precisamos ponderar a respeito das armadilhas que os arquivos de repressão reservam ao historiador, como bem destaca Pereira (2014), ao afirmar que

Cabe ao observador atento desnaturalizar os arquivos policiais que “escondem tanto quanto revelam” e questionar o processo dinâmico de constituição do corpus, os princípios de classificação e catalogação adotados, as escolhas dos indexadores utilizados e as atribuições hierárquicas de valor dadas a cada série de documentos pelos arquivistas e pesquisadores que organizaram os fundos (PEREIRA, 2014, p. 258).

Quanto à Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) do governo Getúlio Vargas, esta possuía, de acordo com Angelo Priori (2013), a função de resguardar e garantir os interesses da nação brasileira, em tudo que se referisse à “estabilidade do regime” e à “preservação da estrutura político-social e moral da nação” (PRIORI, 2013, p. 7). De acordo com o autor, qualquer ação ou manifestação que fosse contrária ao poder constituído e ao governo vigente poderia ser entendida como uma perturbação à “ordem política e social”, justificando, para a polícia repressiva, a prisão de determinados indivíduos (PRIORI, 2013, p. 10).

Com base nessas orientações a respeito do uso de jornais e de documentação policial como fontes históricas, buscou-se neste trabalho, encontrar, organizar e analisar criticamente menções à presença do integralismo em Foz do Iguaçu e, sobretudo, indícios de militância e/ou atividade política de partidários do movimento na cidade nesses materiais. Isto inclui, por exemplo, buscar notícias nas páginas de jornais integralistas sobre a fundação ou atividades de um núcleo em Foz e por ligações de integralistas fichados pela DOPS com o núcleo da cidade em prontuários policiais.

Ao propor nesta pesquisa uma análise histórica do integralismo na região de Foz do Iguaçu, é preciso, antes de tudo, definir o conceito de região. Carlos Eduardo Zlatic designa “região” como “uma noção que busca recortar e destacar uma parte do espaço em relação ao seu todo”, que está diretamente vinculada à homogeneidade dessa mesma parte e que a diferencia das demais ao redor dela. Ela é fruto das relações que a humanidade exerce junto ao espaço historicamente sobre seu território (ZLATIC, 2020, p. 44).

A história regional, por sua vez, é caracterizada por Zlatic como

uma proposta de investigação historiográfica que consiste em depositar um olhar mais detido sobre uma região – isto é, uma divisão do espaço mais amplo –, possibilitando o enfoque de problemáticas que coloquem as dinâmicas e características próprias da área escolhida para estudo como condição central de sua análise (ZLATIC, 2020, p. 77).

Nesse sentido, ao eleger os recortes espaciais menores como centro da investigação, o historiador se atenta às características próprias de uma divisão territorial, o que fornece um olhar mais aprofundado sobre determinada problemática e abre um imenso leque de possibilidades de estudos possíveis (ZLATIC, 2020, p. 73).

Desse modo, buscou-se entender como o integralismo se fez presente na região do extremo-oeste do Paraná e como os militantes da AIB atuaram no campo político-social da cidade de Foz do Iguaçu nos anos 1930, a fim de contribuir para com uma história regional do integralismo no Paraná. Foi escolhido o termo “história regional” em detrimento de “história local” pois, de acordo com Barros, uma região constitui um lugar “que se apresenta como sistema – com sua própria dinâmica interna, suas regras, sua totalidade interna – e que habitualmente se encontra ligado ou a uma rede de outras localidades análogas, ou a um sistema mais amplo” (BARROS, 2022, p. 48).

Como assinala Barros, a história local, por sua vez, não estaria preocupada em trabalhar o local como parte de um sistema, como uma totalidade social ancorada em um espaço que se liga a outros espaços, fator que, como se verá, é extremamente relevante nesta pesquisa. De acordo com o autor, “trata-se, enfim, de utilizar a localidade ou a região como patamar para produzir inflexões sobre uma realidade espacialmente mais ampla” (BARROS, 2022, p. 30).

Em relação à abordagem utilizada, a opção foi pela História Política, área que ganhou novos caminhos e sentidos teórico-metodológicos a partir dos anos 1970. De acordo com René Rémond (2003), a História Política deixou de ser interessante aos historiadores, principalmente após a criação da revista *Annales d'histoire économique et sociale* na França em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch, evento que iniciou uma revolução na produção historiográfica. O desinteresse ocorreu pois, para os autores da Escola dos Annales, a velha História Política “só tinha olhos para os acidentes e as circunstâncias mais superficiais: esgotando-se na análise das crises ministeriais e privilegiando as rupturas de continuidade” (RÉMOND, 2003, p. 16). Por constituir uma história que tratava de narrar os acontecimentos, as guerras, os governos, os reinados e as biografias dos reis, o fator político deixou de ser objeto de estudo dos historiadores.

Entretanto, conforme Rémond, ao tomar contato com outras ciências sociais, tais como a sociologia, a cartografia e a linguística, a História Política sofreu um grande processo renovador a partir da década de 1970, quando os historiadores passaram a

voltar seus olhos a todos os atores políticos, e não apenas a uma elite governante (RÉMOND, 2003, p. 33).

Diferentemente do que se passava com a “historiografia dos fatos políticos”, em que os sujeitos que faziam a História constituíam uma minoria composta por grupos e indivíduos da elite ligada aos governos, com a Nova História Política, as pesquisas passaram a se focar nas multidões, nas massas (RÉMOND, 2003, p. 33). Ao considerar essas massas enquanto sujeitos e atores políticos, e ao não se limitar a uma análise restrita aos “grandes nomes do jogo político”, os historiadores da Política sanaram as críticas ao velho modelo e consolidaram essa abordagem na historiografia. Nesse novo momento da História Política, surgiram aos montes pesquisas que elegeram como objeto de estudo os partidos, os movimentos políticos, os processos eleitorais e a opinião pública (FERREIRA, 1992, p. 267).

A motivação para a produção desta pesquisa, por sua vez, surgiu de uma característica da sociedade iguaçuense contemporânea. Nas últimas eleições para presidente, em 2018 e 2022, e, em especial, na última eleição municipal, em 2024, a cidade de Foz do Iguaçu, embora em um contexto multinacional e multiétnico, caracterizado por uma tríplice fronteira (com a Argentina e o Paraguai), composta de uma notável diversidade cultural e linguística e de distintos e constantes fluxos migratórios, apresentou, por parte de seu eleitorado, aderência a personagens e propagandas políticas caracterizadas por elementos e discursos nacionalistas, autoritários e de direita.

Esta pesquisa não busca remontar as origens de um aparente atual nacionalismo iguaçuense à Era Vargas e ao Integralismo, senão mostrar que o discurso patriótico estava fortemente ligado à política do município já nas suas primeiras décadas enquanto emancipado.

Além disso, nos parece importante trazer à tona a(s) história(s) dos agentes que espalhavam e militavam esse discurso no território da fronteira trinacional e mostrar seus diferentes caminhos trilhados após o golpe do Estado Novo em 1937. Não obstante, não é de interesse deste artigo defender uma continuidade direta e linear entre os períodos e processos históricos distintos aqui citados, mas recuperar a existência de outras experiências relacionadas a essas questões.

A ideologia integralista e a própria Ação Integralista Brasileira foram abordadas por pesquisadores brasileiros em diferentes momentos de produção historiográfica. Edgar

Bruno Franke Serratto observa que durante as décadas de 1940, 1950 e 1960, o tema do Integralismo não foi de interesse dos historiadores nacionais (SERRATTO, 2007, p. 1-2).

Foi apenas na década de 1970 que surgiram os primeiros trabalhos que tinham a AIB como principal objeto de pesquisa. A obra de Héglio Trindade, publicada pela primeira vez em 1974, *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*, é, segundo Serratto, a principal obra daquele novo momento, pois analisa a AIB dentro dos contextos socioeconômicos, político e cultural do Brasil naquele período, ao mesmo tempo que faz comparações com os fascismos europeus e produz retratos sociológicos dos líderes e militantes do Sigma (SERRATTO, 2007, p. 4).

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, os estudos acerca do movimento integralista deixaram de tratar dos aspectos autoritários e fascistas e passaram a focar em suas especificidades, como a participação de imigrantes alemães e italianos, negros e militares no movimento; aspectos regionais, práticas ritualísticas e simbologia; além do antissemitismo presente em obras de autores integralistas (SERRATTO, 2007, p. 6).

Os estudos sobre o Integralismo no Paraná, no entanto, são recentes. Rafael Athaides é o historiador que apresenta o maior número de publicações sobre o assunto, todas a partir da década de 2010, trabalhando principalmente com fontes jornalísticas, como os periódicos integralistas *A Razão*, *A Offensiva* e *O Monitor Integralista*.

É de importância também reconhecer trabalhos como o de Luciana Athaides (2015), que aborda uma vasta documentação da DOPS-PR e que mostrou o *modus operandi* do órgão em sua repressão aos integralistas paranaenses na segunda interventoria de Manoel Ribas no estado (1937-1945); o de Carmencita de Holleben Mello Ditzel (2004), que tratou da reconstrução do histórico da AIB na cidade de Ponta Grossa e que foi a primeira pesquisadora a estudar o tema com foco no estado do Paraná; e os de Eliziane Gava (2016 e 2023) que abordou a difusão das ideias integralistas, seu respectivo movimento e suas relações com a política, na cidade de Guarapuava. Por fim, as demais produções historiográficas sobre o tema têm como objeto de estudo os integralistas da pequena Teixeira Soares, chamada de “cidade integralista” à época da militância do Sigma, como o trabalho fundamentado por Luiz Gustavo de Oliveira e Cláudia Monteiro Gomes da Silva (2012).

Ademais, há uma carência na produção historiográfica sobre a região de Foz do Iguaçu, no intervalo que vai do final da passagem da Coluna Miguel Costa-Prestes pela

cidade, em 1925, até o início da construção da Ponte Internacional da Amizade, em 1956, um recorte temporal em que, justamente, se encaixa o período de análise deste artigo. Como exemplo dos poucos trabalhos que se encaixam neste recorte, é importante citar os estudos de Micael Alvino da Silva sobre os conflitos entre a DOPS-PR e os “súditos do eixo” da região, que se tratavam, em suma, de imigrantes e descendentes de alemães e italianos perseguidos pelas forças de repressão do Estado Novo (SILVA, 2021). Há, portanto, uma Foz do Iguaçu “pouco desbravada” pelos historiadores nesse período.

### **A fundação do núcleo de Foz do Iguaçu e seu(s) chefe(s).**

A Ação Integralista Brasileira se fortaleceu no Paraná ao longo do ano de 1935. De acordo com Rafael Athaides, além da capital do estado, Curitiba, mais regiões iniciaram a instalação e subsequente consolidação de seus próprios núcleos, sendo elas: o Litoral, o Sul, o Centro, o Norte e o extremo Oeste paranaenses (ATHAIDES, 2011, p. 16).

A região Oeste, vista pelos integralistas da província paranaense como um lugar selvagem e isolado, era considerada de suma importância para que o movimento estivesse presente desde o Atlântico até a extrema fronteira do estado com os países vizinhos (ATHAIDES, 2012, p. 129-130). A ideia de um extremo-oeste remoto e “vazio” não era exclusiva aos camisas-verdes, visto que, de acordo com Liliane da Costa Freitag (2007), o Estado brasileiro também considerava essa região como um “vazio demográfico”:

Muito embora fosse apresentado, ainda no início do século XX, como um território vazio e inóspito, aparentemente sem civilização, muitos estrangeiros e migrantes lá se mantinham vivendo de seu trabalho e de sua produção em sua maioria no interior de grandes propriedades denominadas de *obrage*. Esse termo, retirado do castelhano, passou a designar extensas unidades extrativistas de erva-mate e madeira instaladas em regiões de clima subtropical, na Argentina e no Paraguai (FREITAG, 2007, p. 23-24).

O próprio Plínio Salgado já havia pensado o Oeste, em sua obra *A Voz do Oeste*, um romance ambientado no período colonial brasileiro, como um espaço desabitado, que, por meio da marcha dos bandeirantes paulistas, deveria ser civilizado através da ocupação e da conquista (MELLO; TREVISAN, 2023, p. 141). Esse discurso é semelhante ao utilizado pelos integralistas para sua expansão ao oeste paranaense, mas, desta vez, os “bandeirantes” eram os próprios camisas-verdes.

Como Athaides também já havia assinalado, a proximidade com as Cataratas do Iguaçu era um fator carregado de simbolismo para os adeptos do Sigma. Jorge Lacerda,

um dos principais líderes da AIB no Paraná e diretor do periódico integralista “A Razão”, com sede em Curitiba, chegou a comentar nas páginas do jornal que seus companheiros integralistas de Foz do Iguaçu poderiam até “sentir a própria voz do Brasil, espumando desesperadamente na garganta incomensurável de seus abismos, como num grito de dôr e de desespero, dirigido ao céu, que parecia, já nos havia abandonado” (*A Razão*, 27/09/1935)<sup>2</sup>. A fundação de um núcleo na Tríplice Fronteira era, portanto, uma questão simbólica, política e ideologicamente importante para os principais nomes do movimento no Paraná.

A imprensa, por sua vez, constituía um instrumento fundamental para a expansão do integralismo pelo país. Rodrigo Santos de Oliveira afirma que a extensa rede de jornais e revistas doutrinárias chegou a somar mais de cem periódicos e foi a principal forma de inserção social do movimento no Brasil dos anos 1930 (OLIVEIRA, 2009, p. 14). Ainda segundo o autor, a Ação Integralista Brasileira foi o primeiro partido ou movimento brasileiro a se utilizar de forma radical e sistemática da imprensa como um meio fundamental de propaganda.

Conforme Oliveira, para Salgado, os impressos teriam a função de construir uma concepção e uma identidade nacionais, por meio de seu caráter pedagógico entre a população e do controle da opinião pública. Nas palavras do chefe dos integralistas, à imprensa caberia a tarefa de “teorizar e doutrinar” para que fosse possível “orientar e conduzir” (OLIVEIRA, 2017, p. 32).

Assim como comentado anteriormente por Athaides (2012), foi também no *A Razão* que, em 1935, mais precisamente em agosto, apareceram as primeiras informações sobre os adeptos do Sigma em Foz do Iguaçu. De acordo com o jornal, havia, naquela ocasião, 36 filiados à AIB na cidade, que ainda não possuía seu núcleo formado oficialmente. Este seria formalmente oficializado entre o final de outubro e o início de novembro do mesmo ano, liderado pelo professor Carlos Zewe Coimbra (*A Razão*, 07/10/1935).

A notícia não chegou por acaso. Carlos Zewe se correspondia com o periódico de Curitiba, sendo responsável por enviar as informações do núcleo da fronteira até a capital, angariando, inclusive, novas assinaturas para o jornal. Entre elas, destaca-se a de Frederico Eschmann, um colono de Villa San Pedro, no Paraguai, que teria se interessado

---

<sup>2</sup> Optou-se, ao longo deste trabalho, em todas as citações diretas de documentos, pela exata transcrição dos textos.

pelo conteúdo do jornal-propaganda do Sigma. Ao final de outubro de 1935, *A Razão* noticiava que o núcleo iguaçuense já contava com 58 membros, um crescimento expressivo em poucos meses de existência (*A Razão*, 07/10/1935).

Em novembro daquele ano, informações sobre o braço da AIB em Foz do Iguaçu apareceriam novamente nas páginas de um jornal do Sigma, desta vez no *A Offensiva*:

Um dos últimos que teve seu núcleo instalado foi o longínquo e fronteiro município de Foz do Iguassú, limitrophe com o Paraguai e a Argentina. Entregues os seus destinos ao entusiasmo e ao ardor jovem do bravo companheiro Zeve Coimbra, o recém-fundado núcleo da Foz do Iguassú se apresenta desde já como um dos mais futuros da província paranaense, sendo extraordinário o número de Inscritos até esta data (*A Offensiva*, 16/11/1935, p. 10).

Como é possível observar, há uma ênfase do jornal ao quão distante é o município de Foz do Iguaçu, levando em consideração, é claro, que *A Offensiva* era publicado no Rio de Janeiro, à época capital da República. Uma interpretação possível é que, ao mostrar que o integralismo havia chegado até os limites do país, o periódico realiza uma exaltação do alcance da ideologia e do partido (AIB), com o intuito de provocar uma sensação de que o Sigma estava no auge de sua popularidade.

Além disso, pode-se perceber, neste trecho, uma manifestação do caráter nacional da Ação Integralista Brasileira. Em contraposição aos partidos estaduais que dominavam a política no Brasil dos primeiros anos da República até a década de 1930, a AIB se mostrava como um partido de mobilização nacional, que estaria presente em todos os cantos da nação. É interessante comentar também que apesar de mencionar que havia um “extraordinário número de inscritos”, a matéria em questão não fornece os números exatos de membros do núcleo iguaçuense.

O “bravo companheiro com ardor jovem” era natural da cidade da Lapa, também no Paraná. Carlos Zewe Coimbra foi professor, vereador de Foz do Iguaçu e, posteriormente, por um pequeno período, chegou a presidir a câmara municipal local, no período entre 1936 e 1937.

De acordo com os registros das Atas das Sessões Ordinárias da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, Coimbra assumiu, pela primeira vez, uma cadeira na casa em 1932, ainda como membro do Partido Social Democrático (PSD)<sup>3</sup>, e retornou em setembro de 1936 como suplente. Essa filiação seria o assunto inicial de que trataria em um discurso seu, transcrito na ata da sessão ordinária de 30 de setembro de 1936, atribuído, porém, à

---

<sup>3</sup> O PSD de Coimbra era a versão paranaense dos oito partidos registrados com o nome de Partido Social Democrático no Brasil na década de 1930 (GOMES, 2021, p. 176). Segundo Gomes, o PSD-PR apoiava o governo Vargas e era a agremiação dominante no estado naquele contexto.



sessão do dia 28 de setembro do mesmo ano, de cunho bem acalorado, que se inicia com uma explicação inicial, em tom de prestação de contas, do então vereador aos demais companheiros de legislatura.

Ao discursar, Carlos Zewe se apresentava como fundador do núcleo integralista de Foz do Iguaçu, pelo qual, segundo ele, se tornou chefe. Sua migração partidária teria ocorrido após um desentendimento doutrinário e ideológico com seu ex-partido, o PSD, principalmente porque, segundo Coimbra, o partido não havia apresentado “programma algum” ao município. A troca, ainda de acordo com o vereador, teria ocorrido pouco tempo após as eleições municipais de 1935, nas quais foi eleito como suplente pelo PSD. Porquanto, dizia-se livre para tomar qualquer posição política que desejasse dentro da câmara.

Entretanto, alegava que, desde que se declarou integralista, “não teve mais sossego” e passou a ser perseguido dentro e fora do meio político. Para demonstrar citou suas exonerações dos cargos de inspetor escolar do município e, principalmente, dos postos de professor e de diretor do Grupo Escolar Bartolomeu Mitre, o qual ocupava desde 1931. Por fim, destacou seus afastamentos como ilegais.

Nas suas palavras, sentia-se, no entanto, realizado: “Os meus inimigos gratuitos estão contentes, porém eu rio-me deles e sinto-me feliz de ter cumprido com o meu dever” (Ata da Sessão Ordinária do dia 30/09/1936). Consta em documentação disponibilizada pelo antigo Grupo Escolar Bartolomeu Mitre, atualmente 5º Colégio da Polícia Militar do Paraná, que Carlos Zewe Coimbra, de fato, deixou a direção da instituição, a qual passou a ter uma nova diretora apenas em 1937.

Citando o lema do movimento: “Deus, Pátria e Família”, Coimbra continuou o discurso, se declarando como “integralista convicto” e se designando como representante do integralismo naquela câmara, ao lado de seu “prezado chefe” e dos demais “companheiros de ideal”<sup>4</sup> lá presentes. O então vereador explica, ainda, que, ao contrário de seu ex-partido, o PSD, a AIB possuía um programa a ser defendido, o qual, nas suas palavras:

É muito simples: 1º Não fazer oposição systemática; 2º Não combater nem apoiar o situacionismo; 3º Apoiar e prestigiar as autoridades de qualquer côr política, porque ellas encarnam a lei, a disciplina e a ordem; 4º Apoiar e defender todos os projetos, quer da situação, quer da opposição, com tanto que visem o bem público e combater os de que sentido contrario; 5º -

---

<sup>4</sup> Não foi possível identificar quem seriam esses “demais companheiros de ideal” citados por Coimbra. Entretanto, sua menção a esses indivíduos denota a presença de mais membros do núcleo integralista de Foz do Iguaçu na câmara legislativa municipal, composta pelo pequeno número de seis mandatários naquela legislatura.

Trabalhar, trabalhar e trabalhar, deixando os interesses pessoais e políticos nefastos de lado, visando unicamente o engrandecimento da Pátria comum, com toda a elevação de sentimentos (Ata da Sessão Ordinária de 30/09/1936).

O discurso prossegue com um protesto do chefe do Sigma iguaçuense contra o fechamento de núcleos e escolas integralistas no Paraná e na Bahia, se manifestando contrário

às violências, perseguições e arbitrariedades de que são vítimas os meus companheiros de todo o Brasil, vítimas desses atentados só pelo facto de quererem um Brasil unido, grande e forte, culto, progressista e respeitado. Só pelo facto de quererem ver respeitada e garantida a sublime e sacrosanta trilogia de Deus, Pátria e Família (Ata da Sessão Ordinária de 30/09/1936).

Coimbra provavelmente se referia ao estado de repressão em que a Ação Integralista se encontrava em 1936, no Paraná. Em maio daquele ano, o governador do estado, Manoel Ribas, havia ordenado o fechamento de todos os núcleos integralistas em todo o território paranaense, com a justificativa de que a AIB realizava “atividades subversivas” (ATHAIDES, 2012, p. 205-206).

Conforme Athaides, durante o período de proibição de reuniões oficiais, os integralistas paranaenses buscaram alternativas para continuar com suas atividades de militância, como encontros cívicos, passeatas, missas e aniversários (ATHAIDES, 2012, p. 208). Entretanto, não sabemos se a mesma estratégia se deu no núcleo de Foz do Iguaçu, mas é visível que os integralistas do município utilizaram seus cargos políticos no legislativo para se defenderem e se posicionarem contra as atitudes repressivas de Ribas.

Nestes dois últimos trechos do discurso, Coimbra apresenta o integralismo como uma alternativa à política considerada tradicional, e que o movimento teria como foco o desenvolvimento e o bem da nação brasileira. Pode-se perceber também um desdém em suas palavras quanto à classe política local da época, algo que é reforçado posteriormente em uma crítica do vereador aos servidores que aceitavam cargos públicos e os abandonavam, como pode ser visto em:

[..] protesto contra a atitude de alguns faticios eleitos para esta Camara, que não comparecem às sessões, obrigando a convocação dos suplentes, attestando assim, falta de patriotismo, entavando os trabalhos desta Camara, prejudicando inadiaveis e sagrados interesses quer do povo que representam, quer do municipio, sacrificado de mil e uma maneiras diferentes. Sou desta opinião: uma pessoa aceitando um cargo qualquer, deve cumpri-lo, do contrario, não deve aceitar, e deixar assim de prejudicar os seus semelhantes, cedendo o lugar para os que querem trabalhar [...] (Ata da Sessão Ordinária de 30/09/1936).

Quanto ao “prezado chefe” ao qual Carlos Zewe Coimbra se refere em seu discurso, trata-se do ex-prefeito e, à época, vereador de Foz do Iguaçu, Heleno Schimmelpfeng. Membro de destaque da política local naquele contexto, Heleno era filho

de Jorge Schimmelpfeng, primeiro prefeito do município. Seguindo os passos de seu pai, foi nomeado prefeito em 1928, sucedido em 1930 por Júlio Pasa (SILVA, 2014).

Continuou na política municipal como vereador e, com a criação do núcleo integralista da cidade em 1935, se filiou ao partido de Plínio Salgado. De acordo com uma ficha individual de Carlos Zewe Coimbra produzida pela DOPS, por volta de 1936, Schimmelpfeng assumiu a chefia do núcleo de Foz do Iguaçu, após uma renúncia de Coimbra, possivelmente motivada pelas exonerações que o professor sofreu por sua opção partidária (DOPS/PR, Ficha Individual 09.313).

Em novembro de 1936, Coimbra foi eleito para a presidência da câmara, cargo que ocupou até o fechamento da casa após o golpe do Estado Novo em 1937. A eleição chegou a repercutir, mesmo que de forma muito modesta, fora dos limites do pequeno município: segundo a ata do dia 7 de dezembro de 1936, foi lido, neste dia, um ofício da “Associação Integralista Brasileira”<sup>5</sup> agradecendo a comunicação da posse de Coimbra como presidente da câmara.

Carlos Zewe Coimbra, Heleno Schimmelpfeng e os “demais companheiros de ideal” permaneceram por pouco tempo, cerca de alguns meses a um ano, como vereadores e militantes integralistas na cidade. Entretanto, um episódio legislativo se destaca: em 4 de junho de 1937, Heleno Schimmelpfeng pediu que a câmara nomeasse um representante em Curitiba para que este “agisse junto aos poderes públicos”. Para isso, indicou o chefe da província paranaense da AIB, o advogado Manoel Vieira Barreto de Alencar, para ocupar o cargo, sugestão que, de acordo com a ata do mesmo dia, foi aprovada por unanimidade pelos presentes na sessão.<sup>6</sup>

Ao final de 1937, com o fechamento da câmara, Coimbra foi remanejado pelo interventor do Paraná, Manoel Ribas, para a cidade de Cornélio Procópio, ao norte do estado, onde, de acordo com a documentação da DOPS, continuou a exercer suas atividades como militante integralista.

## **A Trajetória dos Ex-Chefes no Pós-fechamento da AIB**

De acordo com Gonçalves e Caldeira Neto (2020), Getúlio Vargas teria prometido o cargo de ministro da Educação à Plínio Salgado em troca do apoio ao golpe do Estado

---

<sup>5</sup> O termo que se refere ao partido de Coimbra é acompanhado no registro da ata pela sigla “A.I.B”, o que denota um provável erro da escritã ao transcrever o acontecimento na correspondente ata, trocando “Ação” por “Associação”.

<sup>6</sup> Não foi possível constatar, até o presente momento, se Alencar de fato ocupou a dita posição.

Novo, em novembro de 1937, mas entregou aos camisas-verdes nada mais do que o fechamento da AIB.

Guilherme Costa Pimentel (2021) aponta que o fato de o golpe ter sido apresentado como uma reação a uma ameaça comunista e como o fim da “ordem política então vigente” agradou aos integralistas, o que gerou uma série de elogios ao presidente Vargas e outras simpatias (PIMENTEL, 2021, p. 333). Entretanto, segundo Gilberto Calil (2005), com o rompimento com o novo regime, os camisas-verdes tornaram-se isolados, derrotados e com sua imprensa e atividades proibidas, o que levou a um levante armado em maio de 1938 (CALIL, 2005, p. 176-177).

No dia 11 daquele mês, grupos de integralistas organizaram uma série de ações coordenadas ao redor do país contra o governo. A principal das ofensivas foi uma tentativa de assassinato e de golpe de Estado contra o presidente Vargas, liderada pelo militar e integralista Severo Fournier, que resultou em uma troca de tiros e quatro mortos nos jardins do Palácio Guanabara, residência do presidente da República no Rio de Janeiro (GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020, p. 61-66).

Conforme Calil, a execução da chamada “Intentona Integralista” “foi completamente desastrosa para os revoltosos, nas várias frentes previstas em seu plano” e resultou na prisão de cerca de 1.500 pessoas. Entre os camisas-verdes, o saldo foi de cerca de 300 condenados (CALIL, 2005, p. 179-182). As condenações, entretanto, segundo Calil, foram seletivas, visto que a repressão atingiu sumariamente os baixos escalões da AIB (CALIL, 2005, p. 182).

Em meio a esse cenário de repressão aos integralistas, no período após o levante de maio de 1938, o ex-chefe do núcleo da AIB em Foz do Iguaçu, Carlos Zewe Coimbra, se deparou com a polícia política em junho daquele ano. Como Luciana Athaides (2015) já havia atestado, naquela ocasião, ele voltava de Curitiba, de onde provavelmente teria se encontrado com lideranças da AIB no estado.

Fazendo uso de três nomes falsos, ao tentar visitar Lauro Montenegro, ex-Chefe Integralista da Lapa, na prisão da mesma cidade, Coimbra foi preso pela delegacia de polícia local (DOPS/PR, Pront. 0695, Top. 312). Com ele foram apreendidos uma fotografia dos membros do núcleo da Tríplice Fronteira, uma relação sobre a criação de um sub-núcleo, material de propaganda integralista (uma espécie de hino datilografado) e

um pedaço de uma carta que, ao julgar pelas manifestações de carinho escritas, provavelmente seria da esposa de Coimbra (DOPS/PR, Pront. 0695, Top. 312).

O documento apreendido com ele seria de um pedido para a nomeação de Manoel Laurindo para o cargo de Chefe Integralista de um núcleo que seria fundado em Cornélio Procópio, assim como ordens para que fossem fornecidos materiais integralistas ao mesmo. Já o pedaço de carta em sua posse fornecia, com preocupação, avisos de cuidados que Coimbra deveria tomar em sua visita a Procópio, destacando a rua da delegacia da cidade e seus riscos.



Fotografia dos membros do núcleo integralista de Foz do Iguaçu apreendida junto a Carlos Zewe Coimbra (DOPS/PR, Pront. 0695, Top. 312).

A fotografia acima foi atribuída pelas autoridades do DOPS como um registro dos membros do núcleo do Sigma em Foz do Iguaçu e é, até o presente momento deste estudo, a única imagem encontrada (DOPS/PR, Pront. 0695, Top. 312). Na imagem, em primeiro plano, podemos identificar um grupo de 17 pessoas, todas fardadas com o uniforme integralista, com o característico sigma bordado nas mangas das camisas verdes.

Em um segundo plano, há duas mulheres que observam a cena, sendo razoável supor que fossem esposas de membros do núcleo. Já ao fundo, há uma cerca e uma construção de madeira, possivelmente a sede do núcleo, com duas bandeiras alçadas.

Isto não ocorre por acaso. Como bem aponta Ana Maria Mauad (1996), a fotografia não se trata de uma “cópia fiel da realidade”, mas de um instrumento que

para além da sua gênese automática, ultrapassando a idéia de analogon da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica (MAUAD, 1996, p. 75).

Ainda conforme Mauad, a fotografia é o produto de um trabalho social que busca a produção de sentidos baseados em convenções, tradições e outros códigos culturais, mas que “assumem funções sígnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem” (MAUAD, 1996, p. 78).

Portanto, nem o lugar de captura, nem a posição dos fotografados, e muito menos quem aparece na fotografia são elementos aleatórios, mas que possuem intencionalidades e finalidades bem definidas. No caso do registro fotográfico acima, provavelmente a ideia era registrar sua composição em alguma ocasião ou data específica.

No entanto, é interessante chamar a atenção para o fato de que a imagem apreendida com Coimbra provavelmente se trata de uma foto de um momento em que se registrava outra fotografia. As pessoas que aparecem na imagem estão com seus olhares direcionados para outra direção, o que faz parecer que estejam posando para outro fotógrafo. Nesse sentido, esse registro carrega quase que um tom de clandestinidade, como se tivesse sido tirado às escondidas. Pode-se perceber também o fator da materialidade da fonte, já que ela apresenta marcas características de uma ou mais dobras, sugerindo que tenha sido carregada escondida, o que faz todo o sentido, devido ao contexto de ilegalidade da AIB no período em que Coimbra foi preso.

Ademais, em uma relação de “extremistas políticos” feita pela DOPS durante o Estado Novo, Coimbra é listado como suspeito de ter participado do levante integralista de 1938, e sua prisão na Lapa é justificada pela tentativa de visitar seu pai, Jorge Zewe Coimbra, que também seria integralista, na prisão. Jorge também é citado na mesma relação, descrito como austríaco, com 60 anos de idade, e como morador de uma colônia de imigrantes europeus na Lapa. Sua prisão, assim como a de seu filho, teria sido motivada por suspeitas de participação na intentona integralista (DOPS-PR/Prot. 1172, Top. 140).

Além disso, conforme o prontuário, Carlos Zewe Coimbra era irmão de Estevam Zewe Coimbra, uma das principais figuras do integralismo em Ponta Grossa-PR (DOPS/PR, Pront. 0695, Top. 312). Estevam chegou a ocupar o cargo de Chefe do núcleo da cidade, que em 1935, era um dos mais relevantes e numerosos polos integralistas na província paranaense, contando com mais de 400 filiados no dito ano (ATHAIDES, 2015, p. 54). Parece, portanto, ser razoável dizer que a ideologia do movimento estava muito ligada à vida da família Coimbra, que estava presente de forma ativa em mais de um núcleo da AIB no estado do Paraná.

Ainda que a participação de Jorge Zewe Coimbra, um homem do campo, colono, já de idade avançada, no levante de 1938 não seja atestada pelos documentos acessados até a realização deste trabalho, pode-se dizer que a atividade de Estevam Coimbra como líder em Ponta Grossa justificou, para as autoridades de repressão, a prisão de seu irmão na Lapa no mesmo ano. Da mesma forma, a militância dos irmãos Zewe na AIB pode indicar também uma adesão parecida do pai ao integralismo. No entanto, é possível que houvesse um exagero das autoridades em relacionar o colono da Lapa à intentona dos integralistas.

Quanto a Schimmelpfeng, há poucas informações sobre sua atuação no recorte temporal que corresponde à interrupção do legislativo em Foz do Iguaçu, em 1937, até sua reabertura em 1947. Um depoimento que prestou à polícia local, no caso de uma apreensão de uma carga de cafeína em 1943, disponível nos arquivos do DOPS, sugere que o ex-chefe integralista teria passado a trabalhar como despachante aduaneiro no aeroporto da cidade (DOPS/PR, Pront. 0499, Top. 55). De acordo com seu auto de declarações, Schimmelpfeng atuava como representante da Pan American Airways (companhia aérea estadunidense) e, portanto, foi incumbido de responder pela irregularidade da dita carga.

No que diz respeito a outros possíveis integralistas que residiriam no município no período de atividade do núcleo (1935-1937) e nos anos pós-fechamento da AIB, não encontramos mais nomes ou informações, exceto um incidente. Trata-se de um ofício de abril de 1944, endereçado de um informante em Foz do Iguaçu ao Comando da 5ª Região Militar do Exército, em Curitiba, em que é listada uma série de nomes de “subversivos” residentes na Tríplice Fronteira que seriam ameaças à segurança nacional.

Nessa listagem, temos uma série de nomes associados ao nazismo, além de duas menções a supostos integralistas iguaçuenses. De acordo com o documento, o primeiro, Henrique Alves de Souza, além de partidário do Sigma, também seria dono de um armazém. Já Emílio Matte é descrito como brasileiro, esposo da tabeliã da cidade, integralista e “favorável à vitória do Eixo” (DOPS/PR, Pront. 1333, Top. 156).

Esses dois nomes, entretanto, devem ser lidos com um pouco de cautela. Levando em consideração que a relação foi produzida em um contexto de “caça às bruxas”, a investigação parece relacionar pessoas com sobrenomes alemães e italianos com o Eixo; entretanto, não somente não apresenta quaisquer fundamentos para a acusação, como as relaciona também com o integralismo. Conforme Micael Alvino da Silva (2021), esse documento diz muito mais sobre quem o escreveu do que, necessariamente, sobre as pessoas citadas (SILVA, 2021, p. 101).

É importante ter em mente que, de acordo com Dietrich (2007), quando lidamos com documentos dos órgãos de repressão na história, entre eles a DOPS, nos deparamos com o discurso oficial vigente em seus contextos de produção, assim como com os julgamentos pessoais de cada policial (DIETRICH, 2007, p. 28). Do mesmo modo, é preciso levar em conta que, diversas vezes, a “Polícia Política criava e (re)criava os suspeitos de crimes políticos” (DIETRICH, 2007, p. 28). Porquanto, é plenamente possível que isso tenha ocorrido no caso de Henrique Alves de Souza e Emílio Matte.

É relevante e interessante observar que, embora citado na ficha de Carlos Coimbra, aparentemente, o nome de Heleno Schimmelpfeng, enquanto militante do Sigma, foi ignorado pelas autoridades, mesmo com o ex-chefe integralista permanecendo na região ao longo da Segunda Guerra Mundial. Isso levanta questionamentos acerca das possíveis razões para a ausência de outras menções à sua atuação como integralista.

De acordo com Silva (2014), seu pai, Jorge Schimmelpfeng, primeiro prefeito de Foz do Iguaçu, era chamado de “coronel” pela população e detinha grande poder na região no início do século XX. Faleceu em 1929, um ano após Heleno assumir a prefeitura do município. Pode-se supor que Heleno tenha herdado parte da influência e do prestígio do pai, o que explicaria a continuidade de sua atuação em cargos públicos e, aparentemente, não ter se deparado com a repressão enfrentada por outros militantes integralistas.



A Câmara Municipal de Foz do Iguaçu foi reaberta no ano de 1947 e, com as eleições municipais de junho de 1951, Heleno Schimmelpfeng retornou à Câmara, dessa vez como suplente. Em dezembro de 1951, assumiu o cargo e passou a atuar politicamente pelo Partido Republicano (PR). Isso evidencia a relevância de sua figura na política local, mesmo após 14 anos longe de um assento como vereador.

Renunciou ao cargo de vereador em 21 de novembro de 1955. Nessa ocasião, recebeu um voto de louvor de Sady Vidal, presidente da câmara, e dos demais vereadores por seus serviços prestados ao município.

### **Considerações finais**

Para encerrar, é interessante que recapitulemos os resultados da pesquisa que resultou neste artigo. Em primeiro lugar, atestamos que há indícios históricos suficientes para afirmar que existiu um núcleo integralista na cidade de Foz do Iguaçu no período entre 1935 e 1937. Este não somente mantinha contato com a imprensa do movimento na capital do estado, mais precisamente com o jornal “A Razão”, mas também possuía ligações com outras figuras integralistas do Paraná. Portanto, através da análise em escala micro, foi possível identificar indivíduos locais que agiram como parte de uma rede regional (a província paranaense) e nacional (a própria AIB). Além disso, foi possível verificar que alguns membros desse núcleo, em especial dois de seus líderes, tiveram passagens pela política local, atuando como vereadores e, no caso de Carlos Zewe Coimbra, até como presidente da câmara legislativa municipal.

Em segundo lugar, em um momento posterior ao fechamento da AIB no país, observa-se que Coimbra, já afastado da região da Tríplice Fronteira, foi alvo da polícia repressiva, assim como alguns de seus familiares, enquanto Heleno Schimmelpfeng, ex-chefe integralista, prefeito e vereador em Foz do Iguaçu, não apenas continuou a residir na cidade, mas também retornou à política nos anos 1950.

Ademais, entende-se que as menções ao integralismo na cidade de Foz não se encontram todas em um único local, preservadas e organizadas, mas que se trata de vestígios espalhados em fontes periódicas, policiais e administrativas. Há ainda uma fonte que não pôde ser trabalhada neste artigo, mas que merece especial atenção.

Trata-se de uma entrevista de Sady Vidal, político que foi presidente da câmara municipal nos anos 1950, ao jornal iguaçuense *Nosso Tempo*, no ano de 1980. Durante a entrevista, Vidal menciona alguns “integralistas do seu tempo” e afirma que eles

constituíam “uma minoria sem significância” (Nosso Tempo, nº 2, 10/12/1980, p. 6). Por abarcar a questão da memória, essa menção requer um estudo mais aprofundado e focalizado, que não foi possível de ser incluído neste trabalho.

Compreendemos ainda que estudar como o movimento integralista se manifestou e como se deu a atuação de seu núcleo em uma região de Tríplice Fronteira é importante para entendermos melhor a expansão de ideologias de extrema direita no Brasil na primeira metade do século XX. Esta pesquisa logrou mostrar também como diferentes agentes de novos movimentos de massas conseguiram disputar espaços na política partidária com antigas elites regionais.

O resgate de narrativas e símbolos do integralismo e do fascismo, como a trindade “Deus, Pátria e Família”, por exemplo, é um elemento que se faz presente na atual conjuntura política nacional. Isso pode contribuir para os debates a respeito do recente fortalecimento dessas ideologias que, quase cem anos depois, de forma ainda mais acentuada, nas décadas de 2010 e 2020, alcançaram grande projeção, não só no cenário brasileiro, como também no âmbito internacional.

Por fim, reafirmamos que, embora Foz do Iguaçu se tratasse de uma pequena cidade no início do século XX, com pouca presença do Estado brasileiro, distante das capitais e demais centros populosos do país, esta pesquisa logrou encontrar evidências significativas sobre a expansão e circulação de ideias e militância integralista na região. Este trabalho pode, portanto, contribuir para uma melhor compreensão não somente das ações da AIB no estado do Paraná, mas, em contexto nacional, ao trazer mais elementos sobre as redes de contato e trajetórias desses militantes.

## **BIBLIOGRAFIA**

ATHAIDES, Luciana. **A Dops paranaense frente à ação integralista brasileira durante o Estado Novo (1937-1945):** do “atentado contra o regime” à “associação nazi-integralista”. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2015.

ATHAIDES, Rafael. **A instalação da província paranaense da AIB:** do “início esquecido” à fundação oficial (1932-1934). IN: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. **As paixões pelo sigma**: afetividades políticas e fascismos. 2012. Tese (Doutorado) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas: uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, Coimbra, v. 52, p. 397-419, 2021.

\_\_\_\_\_. História local e história regional: a historiografia do pequeno espaço. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 18, n. 2, págs. 22-53, 2022.

CALIL, Gilberto Grassi. **O Integralismo no processo político brasileiro – O PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa**. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2005.

DIETRICH, Ana Maria. **Caça às Suásticas**. O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

DITZEL, Carmencita de Holleben Mello. **Manifestações Autoritárias: O Integralismo nos Campos Gerais (1932-1955)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2004.

FARGE, Arlette. **O sabor do Arquivo**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha História”: o retorno da História Política. IN: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

FREITAG, Liliane da Costa. **Extremo-oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re)ocupação**. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Franca, 2007.

GAVA, Eliziane. **O Fenômeno fascista da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Oeste Paranaense: Conflitos políticos na região de Guarapuava/PR (1935-1938)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2016.

\_\_\_\_\_. **O Fascismo integralista e as disputas pelo poder: onde se caçam os guarás** (1935-1938). Guarapuava: Unicentro, 2023.

GOMES, Sandro Aramis Richter. Estrutura interna e ação eleitoral de uma agremiação oposicionista no contexto da Era Vargas: o caso do Partido Social Nacionalista (Estado do Paraná, 1934). **Revista de História Regional**. v. 26, n. 1, 2021, p. 171-201. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr>. Acesso em 10/11/2025, às 20:23.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. **O Fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. 1º ed. Rio de Janeiro. FGV Editora, 2020.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. 3º ed. São Paulo. Editora Contexto, 2005, p. 112-156.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, pp. 73-98.

MELLO, A. D. de B.; TREVISAN, N. P. A “geografia fantástica” e a polêmica identidade paulista: A Voz do Oeste de Plínio Salgado (1895-1975). **Boletim Paulista de Geografia**, 1(109), 2023, pp. 132–145.

OLIVEIRA. L. G.; MONTEIRO, C. Práticas coronelísticas e integralismo em Teixeira Soares - PR (1930-1937). **Revista Tempo, Espaço, Linguagem**. Irati, v. 03, n. 01, 2012, p. 98-119.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

\_\_\_\_\_. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. IN: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org). **Entre tipos e recortes: memórias da imprensa integralista**. Vol. 1, 2º ed. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2017.

PEREIRA, Luciana Lombardo Costa. Nos arquivos da polícia política: reflexões sobre uma experiência de pesquisa no DOPS do Rio de Janeiro. **Acervo**, v. 27, n. 1, 2014, p. 254–267.

PIMENTEL, Guilherme Costa. **A “ameaça verde” sobre Minas: organização, desenvolvimento e extinção da AIB (1932-1938)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2021.

PRIORI, Angelo. **Polícia Política e sociedade: funcionamento e métodos de Ação do DOPS/PR no primeiro período do Governo Vargas (1930-1945)**. IN: Anais do XXVII Simpósio Nacional de História - Conhecimento histórico e diálogo social. Natal/RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

RÉMOND, René. Uma história presente. IN: \_\_\_\_\_(org). **Por uma História Política**. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SERRATTO, Edgar Bruno Franke. **Estudos sobre o Integralismo e seus momentos**. IN: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História da ANPUH, 2007.

SILVA, Micael Alvino da. **A Segunda Guerra Mundial e a Tríplice Fronteira: a vigilância aos “súditos do Eixo” alemães e italianos**. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2021.

\_\_\_\_\_. **Breve História de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2014.

TRINDADE, Hélió. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. 2º ed. São Paulo: Difel, 1979.

ZLATIC, Carlos Eduardo. **História regional: convergências entre o local e o global**. Curitiba: Intersaberes, 2020.

## **FONTES PERIÓDICAS**

A Razão. Curitiba, Ano I, Nº 18, 22, 23 e 26. Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural/Instituto de Cultura, PUCRS - Porto Alegre, RS.

A Offensiva. Rio de Janeiro, Ano II, Nº 79, 16 de novembro de 1935. Fundo Plínio Salgado. Arquivo Público Histórico de Rio Claro/SP.

Nosso Tempo. Foz do Iguaçu, Ano I, Nº 2, 10 de dezembro de 1980. Nosso Tempo Digital. Disponível em <https://www.nossotempodigital.com.br>. Acesso em 27/11/2024, às 14:09.

## **FONTES POLICIAIS**

Carlos Zewe Coimbra: Relação de extremistas presos e fichados. Prontuário 1172, Topografia 140. Dossiê Fotos Integralistas. Dops-PR, Arquivo Público do Paraná.

Carlos Zewe Coimbra: Prontuário Individual. Prontuário 0695, Topografia 312. Dops-PR, Arquivo Público do Paraná.

Jorge Zewe Coimbra: Relação de extremistas presos e fichados. Prontuário 1172, Topografia 140. Dossiê Fotos Integralistas. Dops-PR, Arquivo Público do Paraná.

Heleno Schimmelpfeng: Auto de apreensão e auto de declarações, 02/10/1943. Prontuário 499b, Topografia 55. Dossiê “Subdivisão Policial de Foz do Iguaçu”, Dops-PR, Arquivo Público do Paraná.

### **FONTES ADMINISTRATIVAS**

Livros-ata das Sessões Ordinárias da Câmara de Vereadores de Foz do Iguaçu: Períodos de 1914-1933, 1936-1947 e 1947-1956. Arquivo da Câmara Legislativa Municipal de Foz do Iguaçu.

### **OUTROS**

Acervo digital “Museu do Bartolomeu”. 5º Colégio da Polícia Militar do Paraná. Disponível em <https://www.cpmfoz.com.br/documentos-historicos>. Acesso em 05/02/2025, às 15:30.